

PESQUISANDO COM A TRILHA DE JABEBIRACICA: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO SOBRE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS E PINTURAS NA ESCOLA.

Renata Vellozo Gomes ¹

RESUMO

Como docente do Colégio Pedro II ministro aulas de artes visuais no *campus* São Cristóvão I e faço parte também do grupo de pesquisas GEPES (Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação e Sociedade) coordenado pelo professor Edgar Miranda. Nesse grupo de pesquisas, estou com a oportunidade de incluir as estudantes pibidianas sob a minha supervisão para atuarem na pesquisa e desenvolvimento de material didático de um projeto que faz parte da atuação do GEPES: a trilha de Jabebiracica. Nós iremos pintar os muros dos canteiros que se situam na nossa escola e que fazem parte da trilha de Jabebiracica, contemplando ilustrações científicas das plantas existentes nos canteiros (boldo, manjerição, batata doce...) como também pintar nos muros dos canteiros que fazem a fronteira com o parquinho, pertencente à trilha supracitada, imagens de brinquedos e brincadeiras indígenas, fazendo alusão ao povo Tupinambá que habitou a região de Jabebiracica, onde o complexo de São Cristóvão do Colégio Pedro II se encontra. A pesquisa de brinquedos e brincadeiras está sendo liderada pela estudante Adrielly Cruz e eu irei ministrar uma oficina de ilustração botânica para as estudantes do Pibid e os docentes do Colégio Pedro II. Nós já apresentamos uma proposta destas pinturas no evento Jornada de Ciências e Biologia do Colégio Pedro II, que aconteceu em abril de 2025 e estamos apenas aguardando a obra de renovação do parquinho para executarmos as pinturas. A pesquisa iniciada por Adrielly Cruz irá também compor material didático para os conteúdos de artes visuais do 2º ano do fundamental I nos Pedrinhos e fomos convidadas pelo prof. Edgar Miranda a contribuir com um capítulo de uma publicação do GEPES.

Palavras-chave: Brinquedos indígenas, Pinturas, Artes Visuais.

INTRODUÇÃO

Uma das atribuições dos professores que integram o Departamento de Artes Visuais do Colégio Pedro II é fazer valer as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que versam sobre o ensino das culturas afro-brasileira e indígenas nas escolas. Na nossa escola, tanto no 2º ano, quanto no 3º ano, esses conteúdos são oferecidos para as crianças do ensino fundamental na disciplina de Artes Visuais. No 2º ano, depois de estudarem “arte e natureza”, as crianças

¹ Docente do Departamento de Artes Visuais do Colégio Pedro II, renatavgomes@cp2.g12.br





estudam as visualidades da cultura indígena. Já no 3º ano, depois de desenvolverem conhecimento artístico sobre “ancestralidade”, chega a vez das crianças estudarem arte-afrobrasileira. Mesmo passados mais de 15 anos da sanção da lei mais atualizada, a busca por material didático de qualidade desses assuntos segue em pleno vapor, visto que é uma área de conhecimento mais nova se compararmos às outras já estabelecidas. O que seriam os assuntos mais estabelecidos? São justamente pertencentes a uma história da arte europeia e genuinamente branca. Os avanços no currículo das escolas, de garantir o ensino sobre a cultura ancestral indígena e afro-brasileira é um compromisso e um dever de todos que exercem a docência no ensino de artes. Mais do que isso: é uma questão de justiça social.

Como professora de Artes Visuais do Colégio Pedro II – *campus* São Cristóvão I de ensino fundamental e participante do grupo de pesquisas GEPES (Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação e Sociedade), recebi o desafio de pintar os muros da nossa escola que fazem parte do que chamamos de “Trilha de Jabebiracica”, onde há uma vasta vegetação catalogada pela escola, e onde se encontram os canteiros, locais utilizados pelos professores do Laboratório de ciências para fazerem experiências de plantios com as crianças. Estes se encontram nos seguintes locais da escola: em frente às salas de laboratórios de ciências, em frente à biblioteca “Casa das Histórias” e também, separando o pátio do parquinho infantil.

O Programa PIBID procura aproximar ainda mais os licenciandos do saber-fazer docente, através da rotina e das demandas do conteúdo programático de cada ano escolar. Com 8 bolsistas sob minha supervisão, nada mais natural do que incluí-las neste ambicioso projeto que precisa de fato, de muita ajuda para ser concretizado. Depois do aceite das licenciandas, traçamos nossas metas e começamos a planejar como concretizaríamos as pinturas. No relato de experiência desse artigo iremos contar de que forma estamos realizando esse feito.

METODOLOGIA

A metodologia de construção das imagens para as pinturas dos canteiros dividiu os espaços e os objetivos de representação de cada um. Nos canteiros que fazem fonteira com o parquinho, ficou acordado que imagens de brinquedos e brincadeiras indígenas e ocidentais iriam ser contemplados ali, como também alimentos que fazem parte de boas práticas de alimentação (frutas, legumes e outros lanches saudáveis). No canteiro que fica em frente à biblioteca “Casa das Histórias”, elegemos o artista Roberto Burle Marx como norteador da visualidade a ser representada ali, visto que ele é um dos autores do paisagismo do Horto





Botânico presente na nossa escola, local muito querido por estudantes e professores, que podem ter aulas a céu aberto em meio a uma belíssima vegetação. E por fim todas concordaram que poderíamos representar com ilustrações científicas, ou não, plantas e processos químicos e celulares nos canteiros em frente ao laboratório de ciências.

Depois de apresentar às licenciandas os meus desenhos e as minhas primeiras ideias, dei um prazo de cerca de 25 a 30 dias para que as bolsistas pudessem pesquisar e criar suas próprias criações em forma de croquis, agrupando todas as imagens em uma pasta compartilhada com todas nós do aplicativo Google Drive. Com relação a parte artística em si, orientei as licenciandas de que procurassem desenvolver um desenho linear e mais “limpo” possível, livres de sombras e detalhes muito complexos, para que todas pudessem ser capazes de pintar os desenhos eleitos de qualquer uma de nós, e termos mais celeridade na execução das pinturas. Depois, tivemos uma reunião remota, onde todas puderam apresentar seus desenhos e suas criações falando um pouco do seu processo criativo e de como chegaram nos desenhos/ideias apresentados. Essa etapa aconteceu entre os meses de abril a junho de 2025, entretanto apenas no final de agosto, quando as obras de renovação do parquinho estavam quase concluídas, as pinturas puderam de fato começar a acontecer. A escolha por começarmos a pintar justamente nos canteiros da área do parquinho foi para estarmos alinhadas ao processo de recuperação desta área da nossa escola, tão querida pelas crianças.

Depois da junção de todos os desenhos produzidos pelas bolsistas Pibid sob minha supervisão, chegou a vez de imprimir as imagens, reunir tudo em um álbum e apresentá-las em duas reuniões distintas. Primeiro, somente para o professor Edgar Miranda, coordenador do GEPES e em um outro momento, apresentamos juntos as ideias para a diretora-geral do campus São Cristóvão I, Professora Sônia dos Santos, que ficou encantada com os desenhos, principalmente pelos desenvolvidos por Adrielly Cruz. Dessa forma o projeto foi aprovado e seguiu para as etapas de execução, com a ressalva de que as obras na área do parquinho iriam atrasar o cronograma do início da execução das pinturas, e que seria muito prudente deixar passar esse momento da obra para que tudo fosse feito com muita tranquilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

É importante citar neste relato de experiência as publicações que são importantes para esse trabalho. Todas essas foram apresentadas às bolsistas Pibid como bibliografia de formação para o projeto de pinturas com foco no conceito pensado para a criação destas. São





publicações pertinentes ao tema que envolve as pinturas, tanto na parte de história da arte, quanto na parte técnica.

De Els Lagrou “Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação”. Livro básico para a compreensão e a aquisição de conhecimento sobre a cultura indígena brasileira. A autora faz um resumo da cultura ancestral indígena amazônica e reúne diferentes exemplos de visualidades do que é considerado essencial para a formação de professores nesse quesito. A publicação faz uma provocação para o nosso pensamento ocidental do que seria considerar o que é arte.

De Isabel Diegues, “Arte Brasileira para crianças”, uma excelente publicação que atualiza os professores do ensino de artes visuais em como abordar diferentes produções artísticas do Brasil, principalmente contemporâneas e a integração da arte com a vida das crianças. Todavia, fazemos a crítica de que nenhum artista indígena contemporâneo foi contemplado com um capítulo nesse livro, que elegeu 100 artistas brasileiros entre vivos e falecidos, mas já estabelecidos no meio artístico. Nomes como Jaider Esbell e Daiara Tukano, poderiam ser contemplados em uma nova edição. Talvez a resistência editorial ainda seja grande para dar espaço a estes artistas que já tem uma certa visibilidade no cenário artístico atual, visto que foram participantes da exposição “Véxoa: nós sabemos”, primeira exposição dedicada à artistas indígenas na Pinacoteca do Estado de São Paulo, que ficou em cartaz de outubro de 2020 a março de 2021, no Edifício Pina Luz. Exposição que foi um marco nas artes visuais do Brasil, com curadoria da ativista indígena Naine Terena, doutora em educação pela PUC de São Paulo.

Outra publicação essencial para a construção desse projeto foi apresentar às bolsistas a pesquisa do curador Lauro Cavalcanti, responsável pela grande exposição que homenageou a obra do paisagista e multi artista Roberto Burle Marx intitulada “Roberto Burle Marx – 100 anos: a permanência do instável”, ocorrida entre dezembro de 2008 a março de 2009. No Rio de Janeiro, apresentada no Paço Imperial, localizado na Praça XV, esta importante exposição reuniu diferentes vertentes e fases de Burle Marx desde suas conhecidas obras de paisagismo e urbanismo até pinturas e jóias. O folheto da exposição, que é um bom resumo do catálogo da mostra foi objeto de leitura e conhecimento para as estudantes, que continha bons textos e boas reproduções de suas obras. A exposição apresentou muitas obras de Burle Marx, percorrendo não só a linha do tempo, mas todas as suas fases criativas, traçando um panorama bem detalhado do seu percurso artístico em diversas frentes e sua paixão pela vegetação de fauna e flora brasileira.





Nessa direção, foi importante também apresentar às licenciandas a publicação “Roberto Burle Marx: arte e paisagem” de José Tabacow. Esta traz belíssimas fotografias de projetos paisagísticos de Roberto Burle Marx pelo Brasil. Fotografias de fazendas e sítios particulares, assim como de edifícios públicos conhecidos estão reunidos lado a lado como um catálogo imagético da pintura que Burle Marx realiza com a natureza e de como foi um profundo conhecedor das plantas brasileiras, e desse modo criou com maestria os ambientes ao ar livre com uma percepção estética ímpar, limpa e com características do modernismo brasileiro, movimento que integrou no decorrer das décadas em que foi profundamente ativo nas artes visuais do Brasil.

Outra publicação que foi merecedora de ser apresentada às bolsistas foi “Mata Atlântica: Arte & Ciência” organizada pelo prof. Paulo Ormino (UFRRJ), que reúne um breve histórico da ilustração científica no Brasil e apresenta pranchas de grandes mestres da ilustração científica e botânica brasileiros. Aqui as bolsistas tiveram contato com a forma como as ilustrações são elaboradas, o nível de complexidade e detalhes, o fundo branco essencial na maioria destas, assim como o estilo artístico de cada ilustrador publicado ali. Foi disponibilizado no âmbito do IV Encontro Nacional de Ilustradores Científicos que ocorreu em 2013 no Galpão das artes do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Esta publicação foi um catálogo de uma das exposições que ficou em cartaz durante os dias do evento.

“The human body book”, de Steve Parker é um livro no idioma inglês que traz uma reunião bastante completa de ilustrações de anatomia humana, com foco também nos diferentes tecidos e processos químicos e celulares, que poderiam servir como base de pesquisa para as bolsistas desenvolverem suas ideias nos desenhos destes processos. Muitas das vezes os resultados das ilustrações são finalizadas pelo computador, dando um outro efeito diferente de lápis e tinta, entretanto a visualidade do que está sendo representado ali é o que importa para a nossa pesquisa de imagens ser bastante completa e atualizada.

DEMAIS PROCESSOS E RESULTADOS ALCANÇADOS ATÉ O MOMENTO

É importante citar também como foi significativo para as bolsistas participarem da 8ª Jornada Pedagógica de Ciências e Biologia do Colégio Pedro II, onde nós apresentamos um poster com os desdobramentos do projeto que iríamos colocar em prática nos meses seguintes. Neste evento, ocorrido em abril de 2025, foi apresentado o texto explicativo das etapas que iríamos percorrer e o design do poster foi uma construção coletiva exclusiva de autoria das bolsistas envolvidas. Na etapa da apresentação, o resultado foi bastante satisfatório, com o





desafio da desenvoltura na fala das bolsistas em apresentar o nosso projeto para o público visitante do evento e a surpresa da audiência que não conhecia a informação de que o paisagista Roberto Burle Marx foi o autor do projeto do Horto Botânico na nossa escola. A jornada foi concluída com o oferecimento de mini-cursos, e um deles foi uma visita técnica ao Horto Botânico, citado nesse artigo.

Outra iniciativa que foi proposta às bolsistas foi de entrevistarem as duas professoras do Departamento de Artes Visuais no *campus* São Cristóvão I que lecionam no ano letivo de 2025 a disciplina Artes Visuais para as turmas de 2º ano. Priscilla Duarte e Mariana Teixeira, em momentos distintos, mostraram os trabalhos de artes desenvolvidas pelas turmas dentro do tema de arte indígena, as propostas que estavam terminando e o que iriam desenvolver nas aulas seguintes. Do mesmo modo, também orientei as bolsistas a entrevistarem os professores do departamento de Educação Física, que no 2º ano também apresentam propostas de cultura indígena, dentro do do tema “brincadeiras”. A professora Renata Gondim foi muito receptiva em conversar com elas e dar mais informações sobre o tema e o que tem sido feito com as crianças das turmas de 2º ano nas aulas de educação física.

No momento da redação deste artigo as pinturas seguem em curso, com a área pintada nos muros dos canteiros que fazem fronteira com o parquinho praticamente concluídas, faltando apenas um detalhe ou outro. O horário para a realização das pinturas acontece entre os intervalos das minhas aulas que as licenciandas precisam assistir, mas com a escola em pleno funcionamento, com o trânsito de crianças entre as salas de aulas e também a movimentação dos recreios, sejam das crianças mais novas, quanto das crianças mais velhas. Podemos afirmar que todos que passam pela equipe das bolsistas pintando as paredes dos canteiros se mostram muito receptivos e felizes com a novidade, elogiando nosso trabalho e esforço. São muito curiosos com as imagens que vão tomando forma ali e muitos merendam e brincam até bem próximo de nós para acompanhar de perto o processo. Como esse local fica em área aberta, também precisamos estar atentas ao tempo: dias chuvosos ou extremamente úmidos são desfavoráveis à realização das pinturas e o calendário precisa ser remanejado.

Da parte técnica podemos dizer que a tinta escolhida para realizar as pinturas foi tinta PVC de parede na cor branca e fosca, específica para ser aplicada em áreas externas. Aplicamos uma demão de tinta branca em uma superfície já pintada de branco para uniformizar a parede. Depois de seca, fizemos as marcações das áreas em que as imagens ficariam como também fizemos à giz colorido uma marcação prévia do desenho a ser pintado. Nesta etapa, todas ficamos livres para representar qualquer desenho do coletivo, não necessariamente cada uma ficou responsabilizada em pintar o seu próprio desenho, salvo





algumas poucas exceções mais específicas de desenhos um pouco mais complexos. Também é importante expor que as cores foram obtidas com pigmentos líquidos apropriados misturados à tinta de PVC branca. Potes de vidro com tampa foram essenciais para manter as diferentes tintas preservadas, para que no próximo dia disponível para pintura pudesse ser utilizada. Um pouco de água para diluir a tinta também foi utilizada. A tinta de PVC branca externa tem a característica de secagem muito rápida e foi preciso uma adaptação nossa de aprender a pintar com uma tinta muito eficiente, e que também não poupa erros. Em dias mais quentes a dificuldade aumentava, visto que a secagem era mais acelerada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver uma visualidade que já se tornou tão significativa para as crianças do Pedrinho em São Cristóvão e já integra a rotina dos espaços da escola nos é motivo de orgulho e nos enche de responsabilidade de que o letramento racial precisa estar em todos os espaços escolares. Uma área tão querida pelos estudantes, como o parquinho, que ficou meses fechado, é reinaugurado na semana da criança (14 a 17/10/2025) com as pinturas praticamente prontas, como um grande presente para todos. Brinquedos e brincadeiras indígenas figuram lado a lado com brinquedos ocidentais, trazendo para o cotidiano das crianças um olhar novo sobre brinquedos que elas desconhecem. A peteca, o pião de tucumã, a brincadeira “ta”, a brincadeira da cana de açúcar, o cavalinho de tabeja e o barquinho de caeté fazem parte agora da rotina da hora do recreio, ao lado da bola de futebol, da boneca, do ursinho de pelúcia, do dominó e da amarelinha. Inclusive a cor da pele da boneca foi uma discussão interna do nosso grupo e foi muito satisfatório observar que a cor de pele parda quase negra foi escolhida para compor a boneca, fugindo do estereótipo da cor branca das bonecas tipicamente européias. O material didático desenvolvido pelas bolsistas Pibid sob minha orientação torna-se “vivo”, fora dos limites da sala de aula em um ambiente que integra as crianças e os demais trabalhadores do Colégio. Queremos que essas visualidades se tornem próximas às crianças, e que sejam comum a elas conviverem com estes tipos de brincadeiras ancestrais. O legado que deixamos para a comunidade escolar é dignificar os saberes antigos e valorizar a cultura indígena que merece nossa atenção e respeito.

Nossas próximas etapas a partir de agora serão de elaborar o planejamento das pinturas em frente à biblioteca Casa das Histórias e também as pinturas nos canteiros em frente às salas do laboratório de ciências. Durante os recreios, muitas crianças se mostraram interessadas em participar ativamente da execução das pinturas, mas isso terá que ser avaliado





com muita cautela pelo nosso grupo se essa possibilidade poderá acontecer e de que forma isso se daria. Mesmo sendo mais moderna e com um cheiro não tão forte, a tinta PVC ainda não é apropriada para o uso de crianças, que precisariam da supervisão contínua de um adulto para a manipularem. Não acreditamos que uma turma de 25 alunos possa conseguir de forma ordenada e prazerosa realizar as próximas pinturas com tanto esmero. O melhor cenário teria que ser em pequenos grupos de no máximo 5 alunos por vez, respeitando os critérios de zelo e ordem na atividade.

Outra etapa importante será também de estimular as bolsistas de produzirem um breve relato sobre a experiência desse projeto de pesquisa e que possam expor as suas considerações do ponto de vista de quem está desenvolvendo pesquisa na escola. Estamos também registrando as etapas com fotografias e pequenos filmes. Por fim, fica a sensação de dever cumprido e de uma satisfação de ter conseguido cumprir as primeiras metas dessa empreitada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as bolsistas que estão fazendo parte desse projeto: Adrielly Cruz, Amanda Pereira, Beatriz Vitorino, Isabela Vilhena, Lidianie Kopke Marina Melo, Maryanna Prado e Sofia Miranda. Também gostaria de agradecer ao professor Edgar Miranda e à Professora Sônia dos Santos que cederam os espaço da escola para as pinturas serem realizadas, e se mostraram tão gratos, assim como eu também me senti. E por fim, e não menos importante, eu gostaria de agradecer aos professores coordenadores do PIBID em Artes Visuais na UFRJ que me confiaram a supervisão de bolsistas tão dedicadas, muito obrigada pela confiança Doralice Duque, Marina de Menezes e Wilson Cardoso.

REFERÊNCIAS

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/vexoa-nos-sabemos/> acesso em 16/10/2025 às 15h10.

CAVALCANTI, Lauro. Folheto da exposição Roberto Burle Marx - 100 anos: a permanência do instável. Paço Imperial, Rio de Janeiro. Dezembro de 2008 a março de 2009.





DIEGUES, Isabel [et al.], Arte brasileira para crianças: 100 artistas e atividades para você brincar. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

ORMINDO, Paulo (org.). Mata atlântica: Arte & Ciência. Catálogo do IV Encontro Nacional de Ilustradores Científicos e da Exposição de Ilustração Científica do IV ENIC., Rio de Janeiro:

Hólos Consultores Associados, 2013.

PARKER, Steve. The human body book. London: DK, 2007.

TABACOW, José. Roberto Burle Marx: arte e paisagem. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

